

Jorge Cabrera > **Corpos em trânsito com dispositivos de alteridade**

O epicentro deste trabalho de conhecimento, por essência, visual, está na força do corpo como instrumento de alteridade, de resistência, em arte contemporânea. Inicia-se a partir do estudo de linguagem de um conjunto de “máscaras” [que no contexto deste trabalho é uma denominação limitadora para tudo que elas significam], da nação indígena amazônica, brasileira, Jurupixuna. Essa nação foi declarada “supostamente” extinta no século XIX e os dispositivos, de que falo, fazem parte da coleção “objetos filosóficos do século XVIII” divididos entre o Museu de ciência de Coimbra e a Academia de Ciência de Lisboa, em Portugal.

Trata-se de uma ressignificação simbólica partindo da criação de modelos, que me permitissem transitar por espaços culturais ocidentalizados, com a finalidade de dar voz a apagamentos, ou tentativas deste, no contexto de uma América, [ao exemplo do Brasil] que ainda discute as fronteiras. Dispositivos de alteridade como estratégias de inserção vai na contramão de projetos de branqueamento ou etnocentristas, como por exemplo o Projeto Rondon (1910) do “índio civilizado”, inspirado nas missões salesianas no Rio Negro. Essas tentativas de apagamento indígena em um sistema de violência simbólica encontram-se consolidadas na atualidade por meio das falas, do olhar distante e outras formas de não reconhecimento de ancestralidade de um Brasil pós-colonial. Por sua vez, a alteridade como o lugar onde se encontram os que são diferentes, vem associada às fronteiras que ideologicamente se traçam no encontro de grupos humanos: grandes latifundiários e ricos, os camponeses pobres, os índios, negros e civilizados, entre outros.

WHERE ARE YOU FROM?











